

Leandro 1750

O Soldado Jogador



PREÇO DA CASA CR\$ 1,00

EDITOR: Manoel Pereira Sobrinho

— HISTÓRIA DO —
Soldado Jogador

ERA um soldado francez
Que se chamava Ricarte
Jogador de profissão
E nunca foi numa parte
Que não trouxesse no bolso
O resultado da arte

Os francezes Neste tempo
Tinham por obrigação
O militar, ou civil
Seguir a religião
E quem desobedecesse
Ia parar na prisão

Ricarte soldado velho
Com trinta anos de tarimba
Aonde ele achava jogo
De lasquinês ou marimba
Dizia logo eu vou ver
Água na minha cacimba

Um dia faltou -lhe o sóldo
Poz se Ricarte a pensar
Onde podia haver jogo
Que ele pudesse jogar
Era domingo e a missa
Não havia de tardar

Dinheiro não tinha um X
A credito ele nem falava
Pois um soldado francez
Na taberna ende comprava
Só pegava no objeto
Porem depois que pagava

Tocou entrada da missa
Veio o sargento chama-lo
Ricarte ainda pediu-lhe
Para ele dispensá-lo
Porem o sargento disse:
Sou obrigado a levá-lo

Ricarte foi para a missa
Com grande constrangimento
Era obrigado a cumprir
A lei do seu regimento
Mas não podia afastar
O jogo do pensamento

Ricarte entrou na igreja
Ligeiro se ajoelhou
Tirou no bolso da blusa
Um baralho e trassou
E endireitando as cartas
Uma patôta formou

Porém não viu atraz dele
O sargento ajoelhado
E ali observou

Tudo quanto foi passado
E disse: depois da missa
Você está preso soldado

• Efetuou a prisão
E seguiu no mesmo instante
Foi com Ricarte preso
A casa do comandante
Pois havia cometido
Um crime muito agravante.

Chegando disse ao comando:
Eu prendi este soldado
Que foi ao templo ouvir missa
Estava lá ajoelhado
Encamarsando um baralho
Que traz no bolso guardado

Perguntou-lhe o comandante
Quem deu-te esta criação?
Disse Ricarte: Senhor
Se ouvir minha razão
Eu lhe direi o motivo
Porque pratico esta ação

Que motivo tem você
Sabendo que é proibido?!
Ou ignora que o jogo
No exercito é permitido?!
Disse o soldado: meu jogo
Muda muito de sentido

Yore Ricarte

Muda de sentido como?!..
 Disse Ricarte: eu direi
 — Pois explique como é
 Porque eu o ouvirei
 Depois da explicação
 O solto ou castigarei.

Disse o soldado: primeiro
 E' preciso confessar
 Que ganho sôldo mesquinho
 E este sôldo não dar
 Para eu comprar um livro
 Para na missa resar.

Por isto compro um baralho
 E reso nele constante...
 Mas que resa tem baralho?
 Perguntou o comandante
 Há tudo da escriptura
 Velha e nova assim por diante

Então disse o comandante:
 — Você vem errado a mim..
 Disse o soldado eu explico
 Do principio até ao fim...
 — Como é esta Oração?
 Disse o soldado: é assim:

— Por exemplo: a carta Az
 Que tem um ponto somente
 Faz me recordar que existe

Um só Deus onipotente
 Quando chamamos por ele
 O encontramos presente.

Quando pego num dos 2
 Ali premedito eu
 Em duas tábuas de pedra
 O creador escreveu
 Quando em salças ardentes
 A Moysés appareceu.

Quando eu pegou num dos 3
 Me recordo a divindade
 Por exemplo as 3 pessoas
 Da Santissima Trindade
 Que todos nós conhecemos
 O Espirito o Filho e o Padre

O 4, me lembro as quatro
 Marias de Nazaré
 Que foram Maria Afra
 E Maria Salomé
 Madalena e a Virgem Pura
 Esposa de S. José

Os 5 faz me lembrar
 Aquele dia de fé
 As 5 chagas de Cristo
 Feitas por mão tão cruel
 Que sem dó crucificaram
 O filho de Deus de Israel.

Quando eu pego em 6 de ouro
 Faço premeditação
 Seis dias o senhor gastou
 Na obra da criação
 Formou tudo quanto existe
 Sem em nada por a mão

Os 7 lembra-me a hora
 Negra, triste e amargurada
 Os 7 passos de Cristo
 Em sua paixão sagrada
 Com 7 espadas de dores
 A mãe de Deus foi cravada

Nos 8 vejo as pessoas
 Que no dilúvio escaparam
 Noé, a mulher e 3 filhos
 E 3 noras se salvaram
 O resto as águas cobriram
 Onde todos se afogaram

Quando eu pego nos 9
 Vejo na imaginação
 Os nove meses ditosos
 Da divina encarnação
 Que Jesús passou no ventre
 Da Virgem da Conceição

Quando eu pego nos 10
 Não posso ali me esquecer
 10 mandamentos ficaram

Para o mundo se reger
Os 10 se encerram em 2
Como todo mundo ver

Quando eu pego no rei
Me lembro do rei da glória
Que é o mais poderoso
Que ja vimos na história
Que não precisa soldados
Para alcançar vitória

Quando eu pego na sóta
Vem-me a lembrança daquela
Que toda Jerusalem
Enriqueceu só com ela
Aquela que deu a luz
Ficando a mesma donzela

Eis ahi meu comandante
As razões do seu soldado
Não posso comprar um livro,
Meu sôlido é muito mirrado
Compro 1 baralho onde rezo
Porque só custa 1 cruzado

Então disse o comandante:
— Em todas cartas falaste
Mas esqueceste ao valete
Foi porque não te lembraste?
Não é tambem uma carta!
Porque não representaste?

Jose
Jose

Jose

Disse o Ricarte: esta carta
 É uma carta ruim
 Eu quando compro 1 baralho
 Tiro ela e dou-lhe fim;
 Tem traços desse sargento
 Que denunciou de mim

Disse o comandante a ele:
 Ricarte tú és passado
 Tens 30 anos de praça
 Foi tempo bem empregado
 Vou te passar a sargento
 E dar-te um sôlido dobrado

Lutou até que venceu
 E nunca se aperreiou
 Antes era satisfeito
 Nada nunca reclamou
 Disse a verdade ao comando
 Reformou-se um dia quando
 O tempo lhe obrigou.

LEANDRO

Campina Grande, 10 2 1950

A' venda na CASA PEREIRA, à Rua Silva Jardim, 890

Campina Grande — Paraíba

Depósitos dos livros dos trovadores Manoel Pereira Sobrinho—Manoel de Almeida Filho e Francisco Sales Arêda, nos lugares abaixo discriminados.

João José da Silva—Praça do Mercado São José, n. 167, 1.º andar—Sala 4—Recife—Pernambuco.

Antônio Emídio da Silva—Rua Coronel Estevam n. 1325—Alecrim—Natal—Rio Grande do Norte.

Manoel de Almeida Filho—Avenida Felício Dourado, n. 807—Torrelândia—João Pessoa—Paraíba.

Francisco Sales Arêda — Rua Capitão João Pinheiro n. 27—Caruarú—Pernambuco.

OUTROSSIM: Se deseja comprar romances, folhetos, sambas, modinhas, orações e uma infinidade de coisas boas e baratas, procure a "CASA PEREIRA" em um dos depósitos acima mencionados, que encontrará as obras mais importantes dos mais destacados poetas brasileiros e por muito menos do que qualquer outra casa. a) Manoel Pereira Sobrinho, Poeta popular.

NOTA: Não perca tempo; assista cinema em sua própria casa, lendo os romances editados e confeccionados na "CASA PEREIRA". Rua Silva Jardim, n. 890 — Campina Grande—Paraíba—Brasil.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).